

Tradição, transformação e o espírito militar: uma entrevista com Celso Castro

por Édison Gastaldo

Celso Castro nasceu no Rio de Janeiro em 1963. Formou-se Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986), Mestre (1989) e Doutor (1995) em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Desde 1986 é pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), atual Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, do qual é, desde janeiro de 2005, diretor e, desde março de 2008, professor titular. Atua no ensino de graduação e pós-graduação da FGV e dirige a coleção Nova Biblioteca de Ciências Sociais da editora Zahar. Celso Castro é um dos principais expoentes na pesquisa social sobre os militares no Brasil. Sua dissertação de mestrado, “O Espírito Militar”, publicada em 1990, foi a primeira pesquisa antropológica realizada por um pesquisador civil junto à Academia Militar das Agulhas Negras, sendo até hoje uma referência na antropologia das Forças Armadas. Além de seu livro de estreia, dedicou várias outras obras ao estudo dos militares na sociedade brasileira, como “Os militares e a República” (Zahar, 1995), “A Invenção do Exército Brasileiro” (Zahar, 2002) e “Exército e Nação” (FGV, 2012). Nesta entrevista, exclusiva para o número inaugural de SILVA, Celso Castro fala sobre sua formação, influências acadêmicas, o espírito militar, tradições e ritos institucionais das Forças Armadas, bem como sobre os caminhos da pesquisa contemporânea sobre Defesa nas Ciências Sociais Brasileiras.

SILVA – Prof. Celso, pode nos falar um pouco sobre sua formação e principais influências intelectuais, entre professores e autores?

CELSO CASTRO – Nasci no Rio de Janeiro em 1963. Meu pai era oficial do Exército, e por esse motivo morei em várias cidades e estudei em diferentes tipos de colégios. Fiz graduação em Ciências Sociais no IFCS da UFRJ entre 1981 e 1985. Entrei em 1983 como estagiário para o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), hoje Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, onde trabalho desde então. Paralelamente, fiz mestrado e doutorado em Antropologia Social no Museu Nacional (1987-1995), sob a orientação de Gilberto Velho. Minha influência intelectual mais direta está ligada não apenas à obra do Gilberto, mas também à convivência intelectual que mantivemos não só na pós-graduação, mas para além dela, até sua morte. Como professor e orientador, ele sempre nos estimulava a buscar uma perspectiva inter e multidisciplinar. Seus cursos, por exemplo, incluíam trabalhos de áreas como história e literatura. Dentre os autores clássicos das Ciências Sociais, destacaria Georg Simmel, cuja obra riquíssima me influenciou de diferentes modos. Em termos de produção intelectual, considero-me tanto antropólogo quanto historiador, e essa dupla identidade me agrada muito.

SILVA – Sua pesquisa “O Espírito Militar”, realizada no final da década de 1980, se tornou um clássico na antropologia

das Forças Armadas no Brasil, pelo pioneirismo, relevância e densidade de sua análise. Como o senhor vê o universo simbólico do espírito militar nos dias de hoje, passados 25 anos daquela pesquisa?

CELSO CASTRO – Creio que, em linhas gerais, o que descrevi no livro continua presente na formação do oficial do Exército. O elemento básico da construção da identidade do militar é sua diferenciação simbólica em relação ao “mundo civil” e o pertencimento a um “mundo militar”. Isso se torna tão forte e naturalizado que os militares passam a realmente acreditar num mundo dividido em “civil” e “militar”, quando o que ocorre é um processo de invenção de uma identidade “civil” com a qual se contrasta a do “militar”. Nesse sentido, costumo dizer que o “civil” é uma invenção militar. Essa identidade, no entanto, é construída num contexto histórico e cultural mais amplo que está sempre em mutação, que se altera ao longo do tempo.

SILVA – A partir dos anos 1990, uma série de transformações importantes aconteceram no Exército Brasileiro. Não apenas mudaram as fardas e o armamento, como o país passou a intensificar sua presença internacional em missões de paz da ONU, foram criadas a carreira do Quadro Complementar de Oficiais e regulamentada a participação de mulheres na Força, entre outras medidas. Como o senhor avalia o impacto dessas modificações na cultura militar brasileira?

CELSO CASTRO – Esses exemplos encaixam-se exatamente dentro do que mencionei há pouco, a respeito do contexto que se transforma. Alguns elementos outrora importantes ficaram menos relevantes, adaptações tiveram que ser feitas, e houve uma maior convergência com os valores dominantes na sociedade brasileira. Ainda assim, creio que os elementos identitários que descrevi em *o espírito militar* continuam basicamente os mesmos.

SILVA – Em “A Invenção do Exército Brasileiro”, o senhor se dedica a explorar a invenção de algumas das tradições que compõem os ritos institucionais do Exército Brasileiro, como o culto a Caxias, as comemorações do aniversário da Intentona Comunista e a mitificação da Batalha dos Guararapes. De que maneira essas releituras institucionalizadas de momentos da História do Brasil afetam o contingente da tropa e a imagem pública do Exército, e como elas se relacionam com a historiografia nacional?

CELSO CASTRO – Toda instituição busca estabelecer rituais e símbolos que passam a ser vistos como “tradicionais” e que servem para fortalecer a identidade coletiva através da construção de uma memória comum. O Exército é uma instituição explícita e conscientemente “conservadora” em relação a esse aspecto, e tem no “culto às tradições” um elemento importante de seu cotidiano. Como pesquisador, no entanto, acho interessante observar que essas tradições se transformam ao longo do tempo. Isso não é perceptível no curto prazo. Nesse

livro que você mencionou acompanho a transformação das principais tradições numa longa duração temporal. Aí sim, podemos perceber como algumas tradições nascem, outras morrem, outras se transformam.

SILVA – Prof. Celso, como o senhor avalia o desenvolvimento atual do campo de estudos sobre Defesa e Forças Armadas no cenário acadêmico das Ciências Sociais do Brasil?

CELSO CASTRO – O tema ainda é pouco tratado no Brasil. Durante o regime militar, havia naturalmente dificuldades para se fazer pesquisa por motivos óbvios. Tivemos alguns poucos “pioneiros” nas décadas de 1970 e 80, cuja trajetória está reconstituída no livro “Pesquisando os militares brasileiros: experiências de cientistas sociais”, que publiquei em co-autoria com a professora Adriana Marques (UFRJ) este ano, pela Editora Prismas, de Curitiba. Mesmo após a transição, o tema continuou periférico em relação ao *mainstream* das Ciências Sociais. Creio que, em parte, isso ocorreu por causa de estranhamentos – senão mesmo preconceito – no próprio mundo acadêmico. Da parte dos militares, apesar do discurso de aproximação com o “meio civil” ser já antigo, ainda é formal em vários aspectos. Acredito que essa situação possa se modificar positivamente, em parte ajudada pela atuação da ABED (Associação Brasileira de Estudos de Defesa), criada em 2005, em parte pelo recente movimento das escolas militares em direção a programas de pós-graduação validados pela CAPES.